

Occhiacci de Legno: nove riflessioni sulla distanza
(Carlo Ginzburg). Milano: Feltrinelli, 1998.

Ainda não publicada no Brasil, a obra alcançou o mercado italiano em janeiro de 1998. Em julho do mesmo ano já estava na terceira edição.

Sendo desnecessária a apresentação do autor, registra-se que o título do presente livro faz referência à pergunta formulada por Colodi, em *Pinocchio*, conforme epígrafe: "Occhiacci de legno, perché mi guardate?" Entende-se que ameaçadores olhos, talhados em carranca de madeira, fixam o interlocutor. Como subtítulo, ao mesmo tempo literal e metafórico, anunciam-se nove reflexões sobre a distância. Portanto, o eixo teórico privilegia o *straniamento*, que é traduzido como *distanciamento*.

No prefácio, Ginzburg afirma que a obra é resultado de sua experiência docente em Los Angeles, desenvolvida nos últimos anos. Apresenta ensaios escritos entre 1988 e 1998, influenciados pela atividade na *UCLA*. Reconhece seus alunos como cultural e etnicamente diferentes entre si, além de apresentarem formação acadêmica muito diferente da sua. Também reconhece que tais circunstâncias foram capazes de estimular a fecundidade intelectual, sobretudo pelo *distanciamento*.

A coletânea é iniciada pelo texto intitulado "Straniamento", seguido da expressão "pré-história de um procedimento literário". De início, o autor comenta reflexões sobre Psicologia, escritas por Viktor Skolovskij, em 1917. O crítico literário russo registrou que atos humanos habituais tornam-se automáticos, derivados do inconsciente. Skolovskij também ofereceu exemplos de *distanciamento* a partir de Tolstoi, representados por personagens que são comentados por Ginzburg, como o cavalo Kholstomer, que, por ser animal, é capaz de detectar elementos espantosamente estranhos ou distantes, privados de lógica, com os quais os homens já se habituaram.

Argumentando a trajetória desse procedimento literário capaz de criar situações de distanciamento, o historiador italiano faz imensa digressão. Retoma as *Máximas* do Imperador Marco Aurélio, escritas em grego no século II, com o objetivo de promover auto-educação moral. "Cancela a representação", registra com frequência o imperador. O cancelamento seria necessário, para que houvesse uma percepção exata das coisas. Ademais, aquilo que fosse importante deveria ser

repartido em elementos: "...lembra de apontar as partes singulares..., mas subdividir não basta, é necessário aprender a guardar distância".

Ginzburg relaciona os escritos de Marco Aurélio com Tolstoi, que foi seu admirador. Fornece também exemplos a partir do gênero literário adivinhatório, com sentido erótico, admitindo paralelo entre *estranhamento e adivinhação*. Aponta novamente a relação circular entre cultura douta e cultura popular.

Sempre demonstrando o *estranhamento-distanciamento*, o autor estende-se em considerações sobre fraude literária cometida pelo monge franciscano Antônio de Guevara, pregador na corte de Carlos V, que pretendeu denunciar a crueldade dos conquistadores espanhóis na América e valeu-se do procedimento literário, adaptando e veiculando narrativa sobre um velho camponês que se insurgira contra o imperialismo romano. Ginzburg também encontra em Voltaire elementos para uma análise do mesmo procedimento de distanciamento, nos escritos sobre selvagens.

Em Proust, na figura do pintor Elstir, ou na figura da avó do narrador, personagem do segundo romance, Ginzburg aponta novamente o procedimento. A avó admirava Madame de Sevigné, citada por amar a natureza a partir de percepções, antes de conhecer as causas dos fenômenos.

Depois da ampla digressão, o autor infere que o leitor estaria perguntando por que historiadores perderiam tempo com *estranhamento-distanciamento*, ou com outros conceitos similares. Responde através de citação proustiana, defendendo que a existência humana não é previsível em tempo algum. O amor, o ódio, a guerra ou a arte não podem ser afrontados pelo historiador a partir de prescrições ou de esquema prévio da realidade.

Finalizando o primeiro ensaio, Ginzburg recomenda o *estranhamento* como antídoto eficaz para que historiadores nunca aceitem a realidade como já está compreendida.

No segundo ensaio, o autor reflete sobre o mito grego, como forma para desenvolver mecanismos de distanciamento. Assim, sob o título "Mito: distância e falsidade", inicia o texto analisando Platão, quando o filósofo condena *falsos mitos*. Explica a expressão "elemento mítico", empregada por Tucídeses e por Dionísio de Halicarnasso; afirma que Aristóteles reelaborou conclusões anteriormente alcançadas por Platão sobre o mito, concluindo principalmente a partir de reflexões sobre a linguagem.

Lembra que, por séculos, as traduções de Boécio foram única via de acesso aos escritos sobre Lógica de Aristóteles. Apresenta equívocos dessas traduções que, redescobertas no século XII, tornaram-se

